

POEMÁTICA

EXPOSIÇÃO DE ADOLFO MONTEJO NAVAS

Tania Queiroz¹

Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, Rio de Janeiro

De 2/6 a 11/8/2018

Plural-conexões-extensões-correspondências-territórios de criação-*in progress*-linguagens cruzadas-iceberg-natureza híbrida-cultura da imagem-experimentação dos signos-poesia e imagem-lugar inaugural-lugar do aberto-pensamento de imagens-política artística-trabalhos díspares-inventário-leitura politeísta do mundo

Retirei as palavras acima do texto que apresenta a exposição de Adolfo Montejo Navas, no Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, de 2 de junho a 11 de agosto de 2018. Fiz um inventário das palavras e expressões que, para mim, traduziam o que estava ali, na mostra. Achei que ao

¹ Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Santa Úrsula, tem Especialização lato sensu em Sociologia Urbana pela UERJ; fez formação livre em Arte na EAV Parque Lage; tem Licenciatura em Artes pela Universidade Cândido Mendes, é Mestranda em Arte, Cognição e Cultura, na UERJ. Participou de salões e exposições individuais e coletivas no Brasil. Foi Coordenadora Geral da Casa França Brasil, Coordenadora de Ensino e professora da EAV Parque Lage, professora substituta no Instituto de Artes da UERJ. Atuou como Educadora no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, Museu do Açude e Paço Imperial. É professora de Artes da Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro. É professora da Escola sem Sítio, que coordena com o curador e professor Marcelo Campos. Publicou, com Maria Tornaghi e Cristina de Pádula “O mundo é mais do que isso”, em 2014.



fazê-lo, me impregnaria um pouco da liberdade de criação presente no processo de trabalho de Adolfo.

A exposição apresenta obras produzidas entre 1994 e hoje. E quando digo hoje, é com a impressão de que neste momento outras obras estão sendo feitas, tamanha a profusão de palavras e imagens que ali encontramos. Como o iceberg, que se mostra apenas por uma pequena parte de si, a produção de Adolfo Montejo parece esconder muitas outras coisas, tanto como possibilidades de desvelamento, de desdobramentos, como em quantidade.

O que pode estar compreendido em vinte e quatro anos? Uma produção que passa por diferentes meios, linguagens, que passa pelo poético uso de objetos familiares, cotidianos, e por signos da tecnologia mais recente. São mesmo territórios de criação, em que campos de pensamento assumem diversas formas.

Nomear Adolfo Montejo Navas como artista visual não seria justo com a produção apresentada na exposição POEMÁTICA. Esperamos - e encontramos - obras realizadas por um artista certamente, com o repertório da arte, mas encontramos também um tal cruzamento entre linguagens, um atravessamento de poesia, poesia visual, intervenções no espaço e, como dito no texto de abertura, a impressão de uma obra sempre *in progress*. É uma produção plural, com conexões, extensões, correspondências das mais diversas ordens, que nos indicam os mais diversos caminhos.

"A chave da imagem é o poema", é a frase que está escrita na própria obra, mas a manobra poética da palavra recortada na chave coloca literalmente em si o que, de si, diz. E assim ocorre com a maioria dos poemas objeto produzidos nos anos 2000, que estão na primeira sala.



Apresentam-se como jogos de ver e ler, as camadas de significados se sobrepondo, surgindo e reverberando. Mas essa é a proposta, não? Da mesma forma o objeto “lápiz” ali presente fisicamente é o que vai trazer a idéia para o papel, transformar o pensamento em imagem. Interessante essa colocação. Chave e objeto estão lá, não a sua representação, mas ao mesmo tempo estão imersos em metáforas, analogias, em camadas de percepção. Talvez seja esse o importante movimento que a mostra nos faça fazer - da materialidade para a poesia, da palavra e seus possíveis significados para a imagem, desse desvelamento.

Para além das relações que o artista-poeta nos apresenta na primeira sala, está seu empenho num extenso trabalho de pesquisa que resulta na obra **Antologia Poética**, na segunda sala. Um denso e cuidadoso levantamento de imagens aplicadas em notas de dinheiro de vários lugares do mundo, revelando a ordem de valores e relevância dos “nomes” escolhidos para figurá-las. Nessa ampla amostragem aparecem poetas, escritores, artistas, e Adolfo Montejo questiona essa escolha com um texto preciso, claro, contundente. Por que estão ali? Afinal, são campos tão antagônicos - o do valor de compra e o do valor cultural. Confundem-se aí os conceitos de valor e preço, discussão tão cara à arte, em especial a partir dos anos 60.

A exposição traz para discussão muitas e importantes questões - da arte e da vida - do olhar que busca o imediato e que se surpreende ao se permitir um tempo, uma “demora”, para que outras camadas de percepção possam surgir; da profícua exploração da relação entre palavra e imagem; da imersão em signos da contemporaneidade como o QR CODE e Código de Barras e em suas possibilidades poéticas, que encontramos na terceira e última sala da mostra.

A exposição, enfim, não encerra significados, deixando para o espectador o citado lugar do aberto, que possibilita a experimentação dos signos, e de trabalhos tão díspares. O tempo necessário para a apreensão de tamanho inventário, deverá ser o de cada um.



